

A IDEALIDADE DA SIGNIFICAÇÃO NA SEGUNDA INVESTIGAÇÃO LÓGICA DE EDMUND HUSSERL

Data de aceite: 03/04/2023

Athos Vieira Alves

<http://lattes.cnpq.br/4875708611274714>

Sanqueilo de Lima Santos

<http://lattes.cnpq.br/9807115720019824>

RESUMO: A pesquisa tem como objeto de investigação o texto de Edmund Husserl *Vorlesungen Über Bedeutungslehre. Sommersemester (1908)*, no qual procura identificar como o filósofo concebe o significado das expressões linguísticas (signoverbal) e como a fenomenologia, dessa forma, pode contribuir para um debate que, no campo da filosofia, é realizado por outras correntes filosóficas. Para isso, a pesquisa procura identificar os avanços do filósofo com relação às *Logische Untersuchungen (1900/11)*, partindo da hipótese de que, nas *Vorlesungen*, a concepção de como o significado se estabelece intencionalmente, torna mais independente de pressupostos psicologistas e objetivistas e mais precisa do ponto de vista da idealidade específica e dos conceitos essenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Significado fântico; Significado ôntico; Intencionalidade; Espécie.

INTRODUÇÃO

Se não central, a questão do sentido, é parte fundamental do filosofar humano, onde, através da elaboração de perguntas, tenta-se compreender, com precisão, o que nos rodeia. Sejam agentes passivos ou ativos na construção de sentido, o significado que tentamos expressar através da linguagem direciona em algum grau a nossa percepção sobre o mundo. Não obstante, como tratar de lógica e linguagem, em toda a amplitude do fenômeno discursivo, sem cair nos acidentes da retórica. Para mudar essa perspectiva, de linguagem como algo incerto, não exato, o pensamento husserliano, nas *Investigações Lógicas (HUSSERL, 1901)* se debruça sobre o tema do significado, para dar base ao que mais tarde se daria como a semântica husserliana, que tem como base a sua teoria de significação definida pela idealidade.

Nesse sentido, buscamos reconstruir o caminho elaborado por

Husserl para chegar ao momento da idealidade da significação, para isso analisamos a da “unidade ideal do significado” e sua teoria dos signos linguísticos em duas de suas obras, as *Investigações Lógicas* e *As lições sobre a teoria da significação* (HUSSERL, 1908), em uma pesquisa bibliográfica, voltada à análise conceitual e histórica dos conceitos fundamentais que permiti-nos precisar as premissas do pensamento fenomenológico, em relação à idealidade do significado. As duas obras em questão se aproximam no quesito de que ambas vêm a tratar da linguagem em suas diversas formas, como o seu papel para a consciência e suas manifestações fenomênicas.

Dessa forma, iremos destacar quais os principais conceitos comentados nestas obras que circundam o significado e o tema idealidade que está presente na *Segunda Investigação*, e argumenta contra as concepções psicologistas do significado e a favor de sua idealidade. A obra de 1901, comenta, em suas seis investigações, as formas de manifestação e apreensão do significado. Entretanto a obra de 1908 é considerada uma consequência do seu amadurecimento sobre o assunto, revelado em aulas ministradas em um semestre de verão e posteriormente, compiladas em um volume.

Ao buscar a idealidade do significado, nos deparamos com diversos conceitos que o complementam e o configuram, como o papel do *signo linguístico* e a formação da *expressão*, a *unidade ideal da espécie* e o momento chamado de *instanciação das espécies*. Para isso, orientar nossa busca utilizamos da revisão de comentadores como Castro (2009), Hilgert (2017), Peres (2017) e principalmente Teixeira Filho em diversos textos que discutem o que concerne às indagações e as respostas advindas delas e como isso faz parte de um intrincado movimento correlacional entre representações e aquilo que se apresenta como tal. Antes de tratar esses tópicos, também analisamos o impacto que a elaboração de certos conceitos possui sobre o papel da linguagem.

A LINGUAGEM EM HUSSERL

A fenomenologia traz consigo um olhar particular para o que é concebido como linguagem, tanto ao instituir uma reflexão linguística elaborada em conceitos já a muito discutidos como o signo e a expressão, quanto por configurá-los nos moldes exatos da sua filosofia. Para trabalhar com um objeto tão volátil como a linguagem, foi preciso desvinculá-la da arbitrariedade do signo para averiguar de fato a exatidão do significado idealmente proposto.

Para o Husserl, à época das *Logische Untersuchungen*, o sentido das coisas não está atrelado às palavras em si, mas sim aos objetos presentes no mundo vivido, do qual a língua tenta captar através de suas diversas formas de discurso. Aqui, a característica principal da linguagem é a de servir ao pensamento como um intermediário entre o objeto e as nossas percepções, para que se possa expô-las através o pensamento de forma inteligível a outros falantes. De fato, a linguagem é vista como uma ferramenta de

acesso a determinada informação direta, mas que perpassa o dado concreto de forma superficial. A linguagem, assim entendida, também não espelha o verdadeiro conteúdo do pensamento, já que a consciência age por meio da linguagem, assim, essa se encontra em um estágio mais profundo de percepção, onde a expressão, é apenas uma tradução não necessariamente fiel ao verdadeiro conteúdo da consciência. A linguagem possui essa inexatidão pois ela precisa se adaptar aos diversos falantes que a utilizam, para que haja entre eles uma compreensão recíproca (HUSSERL, 1901). Esse veículo, portanto, busca apreender o significado das coisas sem realmente o fazer, o que, portanto, torna a linguagem uma ferramenta não muito confiável. Teixeira, em uma passagem, diz que,

Não é incomum encontrarmos afirmações de que, concebido nas *Investigações lógicas* enquanto entidade de caráter ideal ou abstrato, o teor de significação mantém uma relação extrínseca com a linguagem enquanto mero meio contingente para sua eventual manifestação. (TEIXEIRA, 2010, p.323)

É nesse sentido também que Teixeira atribui a Husserl um “*insight* genérico” (2010) a respeito da sua concepção de significado, já que a linguagem que utilizamos de forma natural não exprime a totalidade do objeto ou experiência, sua idealidade. Com a linguagem afastada do significado em si, busca-se a idealidade em outros lugares que não no discurso já que, o objeto, alvo de suposições e interpretações, pode ser esmiuçado em palavras, mas nunca totalmente esgotado, onde este carrega uma infinidade de significações possíveis, que, como vimos, a linguagem não pode alcançar. É nesse contexto que Husserl vem a adentrar o campo do idealístico, por postular que há uma objetividade definitiva para as expressões, uma forma de conceber o ideal, mas que esta “se encontra, para além do discurso e da efetividade de qualquer proferimento” (Benoiis, 2003, p.17 apud Teixeira, 2010. p. 323).

Essa visão sobre papel da linguagem acaba por ser bastante criticada pois incorre no mal entendido de que a idealidade do significado seria uma palavra (uma forma de expressão) que jamais se desvia tanto do seu sentido original quanto da sua intenção de significação. Mais adiante, veremos que a idealidade da significação na verdade não vai se encerrar em um “lugar”, mas sim em um “momento”, este, ideal para o significado. Ao revisitar os conceitos que tratam da significação podemos perceber como a expressão percorre um caminho autorregulatório, que não exige a repetição exata de determinadas expressões, ao possuir como referência um repertório compartilhado e reconhecido por seus falantes, a linguagem se inova a cada experiência vivenciada, o que permite que nem todas as expressões sejam sempre as mesmas. Ao ser capaz de transitar entre estes sentidos, de um vocabulário fixo e um arcabouço inédito de vivências, podemos perceber que a idealidade não recai sobre o mecanismo que rege a expressão linguística, mas sim na correlação entre o que vem a ser expressado e a consciência. É dessa forma que ocorre o discernimento em relação a subjetividade da linguagem:

A compreensão recíproca exige, precisamente, uma certa correlação dos

atos psíquicos, que se desdobram ao longo da manifestação e da recepção da manifestação, mas não exige, de modo algum, a sua completa igualdade (HUSSERL, 1900. p. 30).

Com isso vemos que Husserl não preza pelo enrijecimento da linguagem em uma forma imutável, pelo contrário, reconhece em sua capacidade de flutuação a forma de melhor expressar aquilo que se indica aos nossos sentidos. Pensar e agir sobre a vida, requer uma constante reflexão sobre o que conecta nossas ideias e a nossa expressão. E foi nesse sentido que Husserl passou por revisões em seu pensamento a respeito da linguagem, onde, Hilgert (2017) observa, “a linguagem deixa [...] nesse segundo momento, de ser mediação não confiável para tornar-se condição transcendental enquanto estrutura do mundo vivido (*Lebenswelt*). (P.69)”, assim, prevaleceu uma concepção mais justa a respeito da linguagem, onde é vista como o elo principal entre nossa mente em atividade e o mundo que nos rodeia.

SIGNIFICADO FÂNSICO: SIGNO E EXPRESSÃO

Husserl, ao lecionar no semestre de verão 1908, reorganizou alguns dos seus pressupostos relacionados à significação, o que ficou em um aprofundamento da semântica husserliana apresentada nas *Logische Untersuchungen* de 1900. Em *Lições Sobre o Significado* (1908), o projeto filosófico que envolve a compreensão do significado abordado nas *Investigações Lógicas* é discutido novamente, porém agora o foco está em localizar o momento que surge o significado, através da relação que permeia o ato de significar e o significado em si. No § 8, Husserl define a parte física da linguagem, de sua contraparte mental e pontua a idealidade do significado como sendo o momento de intercalação entre esses dois fenômenos. O que corrobora com a tese de que a idealidade não reside na fixação de parâmetros imutáveis, imaculados, pela passagem do tempo ou de acontecimentos que podem vir a acrescentar o nosso entendimento sobre algo, talvez desvalidando um fato, assim não é uma questão de estar “fora de moda”, mas sim de reconhecer quais coisas ainda tem o seu valor de “verdadeiro”, e quais não. O significado surge então no momento em que se ocorre a conexão de um determinado acervo de dados com informações apresentadas e recebidas através do *Lebenswelt*. Assim, o conceito de unidade ideal apresentado na segunda Investigação é retomado nas *Vorlesungen Über Bedeutungslehre* de 1908 e é apontado que a idealidade reside em um momento, o encontro de duas partes representativas, o significado fânsico e o significado ôntico. Portanto, para chegar à unidade ideal que reside na contraparte ôntica, precisamos abordar primeiramente sua representação física.

A parte física da representação consiste na evolução do signo à expressão, para isso devemos nos dispor a falar sobre a distinção entre os signos indicativos e os signos linguísticos, para compreender de que forma esses conceitos compõem a “expressão”, já que as manifestações que funcionam como indícios daquilo que consta no mundo

como tal e a forma como usamos para expressar suas relações subjetivas se diferem no processo significativo. Os signos indicativos são evidências de um processo ocorrido no mundo natural, a repercussão de um evento ocorrido que, no agora, se encontra como uma informação objetiva representada como fato através das experiências vivenciadas. Um signo associativo, por exemplo, funciona como uma pista em relação a algo, sem dizer em palavras as relações subjetivas que compartilha com aquilo ao qual está ligado, nos revela diretamente um dado, informa uma situação de estado de coisa.

Os signos linguísticos se diferem dos indicativos na medida em que este, o signo linguístico, não compartilha de uma naturalidade relacional com o objeto. Isso devido ao fato de que, para Husserl, esses signos são formados por uma associação arbitrária que vem a representar o objeto. Esses signos, que formam as letras e palavras seriam uma forma artificial de representar o objeto e compõe uma parte da expressão. Assim, por se tratar de uma relação arbitrária, a linguagem é compreendida por possuir uma relação artificial com o objeto de análise já que a apreensão da realidade no consciente teria que passar por esses signos para fazer seu julgamento, portanto se distancia deste. Na verdade, é justamente por fazê-lo, por distanciar-se de uma “naturalidade” que a linguagem permite uma análise subjetiva do dado, de forma a revelar características que não se mostram em sua forma crua. No caso dos signos indicativos, estes não revelam mais informação do que aquilo que mostram, visto que estes denotam o fato natural, de forma bruta, como uma matéria-prima fundamental para um produto ainda a ser explorada e que somente é devidamente explorada com o uso da linguagem. Entretanto, os símbolos que compõe os signos linguísticos são somente uma parte do expressar, uma vez que apontar para algo não necessariamente “significa” algo, esse significar só vem a estar presente ao ser formado a expressão (Husserl, 1901 1º, § 1., p.21).

Uma vez que os signos apontam, inevitavelmente trazem em seu bojo algum tipo de informação. Qualquer conteúdo informacional que captamos com nossos sentidos e percepções podem ser apreendidas pelo consciente, entretanto, os signos ainda não possuem em seu caráter fundamental “significado”. Isso devido ao fato de não possuírem razão, ou seja, uma assertiva que denuncia todas as suas facetas, as diferentes perspectivas do fenômeno, passíveis de apreensão. O significado somente surge quando a informação é comparada e correlacionada com outro ponto referencial ao ponto de estabelecer uma conexão, e é através do “ato intuitivo” que essa correlação referencial é realizada e que passa a preencher o objeto de intenção de significação (MALADOSSO, 2016. p.5). Assim, para que o índice, portanto a expressão, possa ser preenchido de significado este deve se unir à manifestação da vivência, o que vai nos levar a intuir com mais precisão o exposto.

Sejam estas reguladas por palavras, como a escolha de um idioma, ou por sua representação gráfica na tela digital de um computador através de uma simbologia de letras alfanumérica, ou na escolha de uma pronúncia foneticamente diferente de um sotaque regional em particular, o signo e suas nuances que vem a compor as expressões

forjam o significado através de um intrincado sistema representacional. Entretanto, como podemos perceber, essa equação ainda não está completa, para formar a parte física, o significado fático (HUSSERL, 1908) é preciso que este contenha também uma intenção de significação, ou a manifestação da vivência, como aponta Madalosso (2016),

A esfera do significado tem sua plenitude nos atos intuitivos, e o objeto não pode apenas receber significado para o sujeito que expressa apenas por uma intenção vazia e incompleta (MADALOSSO, 2016, p. 05).

Muitas vezes, seja a finalidade da Expressão contar uma mentira, ou apontar algo verdadeiro é necessário que a afirmação parta de um juízo objetivo para que o expressar preencha-se de sentido.

De acordo com Bragagnolo (2014) a atitude intuitiva é o ato de reflexão onde a atitude natural é reconhecida, repensada e reavaliada para dar lugar a uma atitude consciente. Nesse caso o entendimento não se dá meramente quando determinado signo é expresso, mas sim quando ele é refletido.

Assim, os índices por si só não formam a expressão, pois “não há qualquer conexão necessária entre as unidades ideais e os signos ao quais elas estão vinculadas” (HUSSERL, 1901, 1º, §35, p.87;) está só chega, de fato, a expressar algo, quando se encontra munido de intenção preenchidora de sentido, estes agora sim, carregados pelos ícones utilizados para representar os fenômenos físicos da Expressão passam a ser compreendidos como atos significativos.

SIGNIFICADO ÔNTICO: A UNIDADE IDEAL E O CONCEITO DE ABSTRAÇÃO

Se a parte externa do significado está conectada com a representação física do enunciado aliado à intencionalidade, a sua contraparte, chamada por Husserl em 1908 de significado ôntico, está ligada à apreensão mental do significado. Na *Segunda Investigação lógica* em 1901, esse conceito ainda não havia sido totalmente elaborado, entretanto, já se encontrava na forma da unidade ideal da espécie. Apesar de se falar sobre uma idealidade, Husserl não afirma que o significado parte sempre de uma mesma imagem fundamental, idealizadora que conecta os significados e é válido para todos. A capacidade de construir sentido é correspondente à capacidade intuitiva de cada indivíduo e se faz a partir da expressão e do contexto em que está inserido tal enunciado. A essência que uniria de fato a expressão e a partir daí conduziria à sua idealidade é a intencionalidade do juízo (HUSSERL, 1901, p.81). É a partir daí que vem a sua crítica às teorias de abstração produzidas por filósofos como Locke e J.S Mill.

Para Husserl, há a “falta de clareza da ideia de *ideia*” (HUSSERL, 1901 p.107), pois em Locke, para cada coisa, objeto no mundo, é construído um conjunto de ideias que seriam uma imagem referencial correspondente ligando o sentido da coisa à representação mental, assim a percepção consciente do correlato não necessariamente ocorre de fato, ela

é um dado passivo que já se encontra fincado numa “extensão facilmente compreensível” (HUSSLERL, 1901, p. 107). Ou seja, no caso de Locke, a abstração não se trata de uma união de significados, mas sim de uma rede de significações possíveis que se comunicam, “na efetividade [real] não há nada de semelhante a um universal, há apenas coisas reais individuais, que se ordenam de acordo com semelhanças e parecenças, em gêneros e espécies.” (HUSSLERL, 1901 p. 106.)

Dessa forma, a compreensão de sentido seria remetida a um compartimento de significados individuais, onde a *nomeação* está ligada a um determinado “complexo de ideias” a partir do qual o objeto é remetido à compreensão. A noção da abstração de Locke é especialmente comentada pelo fato desse correlato referencial não admitir nenhuma ambiguidade do objeto nomeado. Pois se um ato de nomeação possui duplo sentido não será feito a conexão com o seu determinado nicho de ideias. Essa limitação da capacidade abstrativa muitas vezes não condiz com uma realidade onde variações linguísticas, como sotaques, gírias e expressões idiomáticas, além dialetos e figuras de linguagem, onde um enunciado indica diversos sentidos. Para Husserl então faltava a intenção significativa que vai direcionar a determinado “complexo de ideias” que só então efetivamente passará a ser preenchido de sentido, que permita uma flutuação do significado sem que este perca o seu valor de verdade:

O que, finalmente, é ainda de particular importância é o fato de, em Locke, faltar totalmente a diferença entre representação no sentido de representação intuitiva (aparecimento, “imagem” vaga) e representação no sentido de representação de significação. Com isso, pode-se compreender, sob “representação de significação”, tanto a intenção de significação como o preenchimento de significação, pois os dois nunca serão separados também por Locke. (HUSSLERL, 1901 p.108)

A crítica as filosofias da abstração na verdade são direcionadas a todos os pressupostos nominalistas que prescrevem uma idealidade específica, única e imutável. Apesar disso, Husserl não deixa de trazer uma teoria positivista, talvez direcionado pelas filosofias predominantes de sua época, porém ainda assim, o seu conceito do que é “essência” de algo é relativamente mais abrangente e menos rigoroso do que os que busca criticar, pois a idealidade da significação vai se remeter à um objeto idealizado, não a um objeto real. A representação significativa no consciente se dá por uma singularização do todo em uma ideia geral. Essa ideia geral, ao contrário da teoria de abstração de Locke, não se dá por partes, mas sim é construída para representar o máximo possível de ideias, portanto um dado *a-priori*, não real. Por abarcar os sentidos, Husserl chama a idealidade de unidade ideal da espécie e ao a considerarmos universal, não devemos toma-la como verdadeiro, este é somente uma representação, o objeto que vai ser considerado real é cunhado de objeto fora da consciência e unidade ideal o ser na consciência.

A *Segunda Investigação* vai analisar “como os sentidos das expressões e as significações puras se relacionam com objetos a que se referem.” (MADALOSSO, 2016,

p. 5) portanto para aprofundar a questão do que é o este ser que surge à consciência na forma de sentido e que permeia a construção de conhecimento. O significado se adapta ao enunciado à medida que este é preenchido pela convergência dessas duas partes em relação ao contexto em que se encontra inserido (MADALOSSO, 2016), pois objetivamente, não há como se transmitir o mesmo exato, a entidade, sentimento ou sensação ou sabor que se adquire com cada experiência individual que vivenciamos. Mas é possível sistematizar de uma forma lógica e precisa mais ou menos esse sabor, esse conhecimento, exprimir essa experiência através de uma descrição desses conteúdos ideais, uma verdadeira tentativa de tornar o ser da consciência em um ser real, fora da consciência.

Para esse processo chamamos de ato ideativo, o conjunto de ações que permitem a unidade do pensamento em um singular direcionador, já que este só pode vir a ser chamado de pensamento objetivo quando engloba, tanto o *ser* pensado quanto possui a capacidade de *gerar* o pensamento, capaz de dar partida à uma ideia que pode ser passada adiante. Assim a capacidade de abstrair o *ente* do mundo na consciência é um ato passivo, mas sim que esse a reflexão para que o sentido seja conectado. Não se trata de uma idealização única dos sentidos convergidos em um símbolo ou signo. A empreitada do sentido exige que a representação seja mais eficiente a ponto de perceber as nuances das diversas possibilidades de significação, desde a *captação* do dado, o processamento através da *intuição* para que se possa alcançar então a unidade ideal da significação.

Ao falar sobre as teorias psicologistas, o teor da questão que envolve a manifestação do significado adquire um novo desdobramento, na forma de uma generalização das ideias, a unidade ideal. Essa ideiação, propõe que os objetos são organizados de acordo com seus atributos como proposto por Teixeira (2007) onde esses “atributos” são relacionados através do eixo *Identidade x Igualdade* (HUSSERL, 1901). Assim, as características que são selecionadas para representar ontologicamente cada signo no consciente possui como parâmetro esse eixo. A Identidade diz respeito aos atributos tidos como iguais, seja esse fator de igualdade universal ou singular. O parâmetro da Igualdade diz respeito à aspectos semelhantes, porém não exatamente iguais. Somado à intencionalidade o eixo Identidade x Igualdade determina a unidade ideal da espécie.

Com isso nós temos a parte ôntica da significação, que se trata de sua representação mental, e por consequência ainda não se trata da significação em si, mas somente uma representação. A significação pura até esse momento ainda não foi revelada. O que vimos até então é o que Husserl chama de Representação fânsica (física) e Representação Ôntica (mental). Essas duas partes *per se* não é sentido, mas sim, o carregam. O significado puro manifesta-se somente no momento da *Instanciação das Espécies*, que é quando há a conexão entre o signo, a expressão e a vivência no mundo com a Unidade Ideal da Espécie, representação mental.

Significado Fânsico e Ôntico, portanto são duas partes da mesma moeda que compõe o significado puro. Esse significado puro, essencial, Husserl vai afirmar nas *Lições*

(1908), só ocorre no momento de encontro ou troca, portanto *instanciação*, dessas duas partes representacionais. Assim, a linguagem não é mais vista à parte do significado, mas sim passa a ser entendido como um componente fundamental que o permite, como forma “original de se representar o mundo vivido” (Hilgert, 2017, p. 67).

A parte representacional física é tanto intencionada pelo enunciador, como quando, ao chegar no ouvinte, este, o relaciona com a sua contraparte representativa ôntica. Essa correlação não ocorre de maneira involuntária, ou automática. Como vimos, unidade ideal da espécie encontra a sua formação a partir da intencionalidade do juízo inerente a cada indivíduo, o que seleciona a unidade específica para o entendimento de determinada expressão ou enunciado. O significado gerado a partir da reflexão voluntária inclusive é um dos grandes pontos argumentados por Husserl, que advoga sobre a capacidade de sair de um estado *natural* de consciência para um estado *intencional*, reflexivo, racional. É graças a esse pensamento que tomamos a imparcialidade do entendimento, ou da significação como algo intangível, pois ao perpassar o juízo, o significado vai encontrar representações limitadas e preconceptivas sobre o objeto, o que constrói assim um significado parcial.

É dessa forma que as significações não são essencialmente normativas, mas possuem a essência em um mecanismo ontológico representativo fluido, capaz de se adaptar às circunstâncias do enunciado para a concepção de sentido. Também é dessa forma que Husserl concebe ainda assim a existência de um significado puro, aquém da nossa apreensão objetiva, pois este não é nem expressão e nem a imagem mental, mas sim um momento de encontro entre esses, que ao aparecer, joga luz ao intencionado e conecta a raiz do significado, mas que logo desaparece novamente e exige a constante rememoração consciente da sensação, do momento, para que se vislumbre o significado, pois este não é fixo, mas sim momentâneo, instantâneo, e fluido.

COMO AS TESES HUSSERLIANAS CONTRIBUEM PARA O DEBATE SOBRE AS EXPRESSÕES E SIGNIFICAÇÕES

Ao esboçar os conceitos estipulados por Husserl e pela fenomenologia em geral que dizem respeito à distinção entre o conceito moderno de abstração e a unidade ideal da significação que compõe a compreensão do significado, podemos perceber que a construção de sentido, para a fenomenologia husserliana, acontece graças ao momento de encontro de duas partes representacionais a representação física do objeto e a representação ontológica consciente do indivíduo. É no momento de instanciação das espécies que o significado ideal se constrói, mas somente se a Unidade Ideal Específica se unir à intenção de significação. Assim a palavra passa a ser concebida como correlato do ato intencional, ou seja, compõe uma relação interdependente, onde a intenção é direcionada pela palavra e vice-versa. Sendo a intencionalidade responsável pela escolha do tema (sinônimos, expressões idiomáticas, proposições lógicas, etc).

Sobre a distinção entre o conceito moderno de abstração e a unidade ideal

específica, demonstramos como a noção de Husserl apresenta uma tese mais concisa a respeito da compreensão do significado e que não envolve a fixação de determinado signo físico ou ontológico como eternamente essenciais, ou seja, menos dependente de teorias psicologistas, o que nos ajuda a entender melhor a relação entre a memória e o real e quais as conexões que regem essas duas espécies e que portanto revela muito sobre nós, seres pensantes, cognoscentes.

REFÊRENCIAS

HILGERT, Luiza Helena. *Por uma fenomenologia da linguagem. Intuitio*. Porto Alegre, v.10, n. 2, dez 2017, p. 66-85.

HUSSERL, E. (1984). *Logische Untersuchungen*, Tradução de Pedro M.S Alves e Carlos Aurélio Morujão. Zweiter Band, erste Teil Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Den Hague, Nederland: Martinus Nijhoff. (Trabalho original publicado em 1901).

HUSSERL, Edmund. *La teoria del significato* (trad. Anselmo Caputo). Bompiani, 2008. (HUSSERL, Edmund. *Vorlesungen über Bedeutungslehre*. Sommersemester 1908. Herausgegeben von Ursula Panzer (Husserliana XXVI). Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff Publishers, 1987).

MALADOSSO, Yuri José Victor. EVIDÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO NAS INVESTIGAÇÕES LÓGICAS: O PAPEL DO CONCEITO DE EVIDÊNCIA NA SEMÂNTICA E NA EPISTEMOLOGIA DE HUSSERL. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 35-52, 1 jul. 2016.

TEIXEIRA FILHO, D. A. *O significado enquanto atributo de intenções nas Logische Untersuchungen de Husserl*. *Phenomenology* 2005, v. 2, n. 2 2007, p. 587-616.